

Passado camuflado ou como a memória se deposita sobre superfícies neutras.*

“Não se pode simplesmente colocar algo novo em um lugar. Deve-se absorver aquilo que se vê ao seu redor, o que existe sobre a terra, e logo utilizá-lo junto com o pensamento contemporâneo para interpretar aquilo que se vê”.

Tadao Ando.

Um fantasma. No canto, pendendo do teto, de ponta-cabeça. Faces alinhavadas que dão forma à aparição. As superfícies são translúcidas e apresentam-se como membrana onde está impressa a imagem de ripas de madeira que completam o fantasma de uma casa. Materialidade diáfana que camufla: o olhar atravessa a forma mas não revela a substância sensível que aquelas paredes abrigam. A densidade do ar ali dentro é éter, a estrutura flutua. Inacessível à memória dos olhos, que presença este invólucro atualiza afinal?

O invólucro fantasmado é, na verdade, a terceira e última obra da série *Passados Camuflados* que Yukie Hori propõe ao Museu de Arte de Ribeirão Preto. Cada trabalho da série realiza operações distintas a partir de uma referência primeira comum aos três, a instalação “Ao Tônico, com amor” que a artista Vera Barbieri montou em uma das salas do MARP, em 2009. Tratava-se de uma casinha de bonecas de madeira construída junto a um dos cantos e amparada por escoras. Uma escada discreta em frente a uma pequena entrada convidava a percorrer com o olhar o interior repleto de bonecas antigas em alusão às memórias de sua infância, especialmente ao pai, Tônico.

Ao participar do 34º Salão de Arte de Ribeirão Preto, Yukie Hori ocupou o mesmo canto daquela sala com “Passado Camuflado I [à Vera Barbieri: ‘Ao Tônico, com amor’ bidimensionado em dois eixos]”. Sobre as mesmas paredes, a casinha reapareceu em duas dimensões: lâminas de madeira simulavam a fachada, inclusive o recorte da entrada, e também as escoras; só a escada foi suprimida. Ao achatar uma estrutura antes tridimensional e vedar-lhe o acesso convertendo o volume em pura superfície, Hori parece reconhecer uma distância irredutível entre a obra original e a sua, já que o conteúdo poético cristalizado na memória afetiva evocada pela primeira casinha era-lhe inescapável, irredutível em profundidade mas, talvez, manipulável em superfície. Como reavivar adequadamente recordações de segunda-mão?

Pouco tempo depois, o lugar foi reocupado por “Passado Camuflado II [Ao MARP, em gratidão e à Vera Barbieri, com carinho: ‘Ao Tônico, com amor’ planejado]”, uma nova instalação que propunha outra operação sobre a forma. A casinha era então vista a partir de seu interior num desenho que se estendia de uma das paredes até o chão. Uma versão planejada que, todavia, devolvia “mentalmente” o volume subtraído na versão anterior: o teto de madeira projetava-se aberto na parede, laminado em madeira, enquanto que a fachada e o assoalho compareciam desenhados em negativo no chão do museu, pela vedação do espaço adjacente com uma película de vinil adesivo. Abrir o interior da casinha para reorganizá-lo em superfície implica um procedimento analítico ainda mais desencantado, ciente de que se alguma lembrança ainda imana dali, ela exala das paredes. Ficaram impregnadas e camufladas na neutralidade do branco.

Em “Passado Camuflado III [Ao MARP, em gratidão; ao Do-Ho Suh, com apreço e à Vera Barbieri, com carinho: ‘Ao Tônico, com amor’ fantasmado]” as memórias mantêm-se em suspensão, criptografadas, esperando que a densidade do ar mude para que se sedimentem e depositem-se sobre as paredes delicadamente costuradas, que as confinam.

Liliane Benetti, março de 2014.

*Para a exposição "Passado camuflado II e III".